

# O Brasil faz e é capaz

07

**Geraldo Lúcio de Mello**

Cento e cinquenta comunicadores do Ministério da Educação e Desporto reuniram-se recentemente em Belo Horizonte para debater formas de mobilizar a sociedade em prol da escola pública. Porque acontece que os movimentos em favor do ensino gratuito parecem ser pontuais, apenas. Pelo menos na mídia, que destaca os momentos de greves, falta de vagas, baixos salários dos professores, ausência de infra-estrutura mínima material. Mas não existe hoje páginas específicas para a educação — como ocorreu na grande imprensa —, restrita agora às “editoriais de vestibular”. No entanto, esta é uma questão central do País, conforme reconhece a Constituição atual, que assegura o acesso ao ensino público gratuito para todos.

Queremos que todos se conscientizem da importância desse direito de cada um e do dever dos governos em oferecer educação de boa qualidade universalmente. Precisamos que a sociedade cobre efetivamente tal direito.

O Brasil tem um imenso patrimônio acumulado nas áreas acadêmica, tecnológica e pedagógica das redes escolares, que pode ser mais bem aproveitado, se for adequadamente divulgado. É necessário, entretanto, que as instituições deixem de olhar o próprio umbigo ou mirar além do horizonte, desconhecendo a realidade próxima, imediata.

É possível, por exemplo, que se busque maior integração entre elas próprias — universidades, escolas agrotécnicas, colégios e institutos especializados — e maior interação com a comunidade, para se preencher o vazio entre escola e sociedade. É preciso mesmo ampliar o conceito de ensino, não limitado aos

banco, carteiras e quadros das salas de aula.

Talvez seja possível recuperar-se o princípio grego de **paideia**, a criação de uma sociedade pedagógica. É um ideal a atingir se estivermos todos mobilizados para superar esta etapa crítica do desenvolvimento nacional. O papel da mídia portanto é crucial para alcançarmos esse objetivo. A responsabilidade do comunicador é fundamental no processo. Mostrando o que o País faz e é capaz de fazer, resgatando a nossa auto-estima, renovando os parâmetros tão desgastados pelos episódios sócio-políticos criminais recentes. A sociedade nacional está cansada, mas não esgotou ainda todas as suas energias.

O presidente Itamar Franco sinaliza nesse sentido. A sua preocupação básica com a situação de miserabilidade do povo brasileiro é genuína e indispensável para que o tecido social não se esgarce de vez. Ao falar de remédios, fome, tarifas, carro popular, especulação, habitação, está tentando incutir em nós todos a necessidade de se fundar novos paradigmas, outras referências, que não as exclusivamente “modernas”, cujo corolário é satisfação rápida, a qualquer custo, própria da cultura do prazer instantâneo e fácil.

Se não formos capazes de descobrir pontos de união entre os brasileiros, não estaremos aptos a construir a ainda prometida Nação, alma de um Estado hoje despedaçado.

É provável que as intempéries econômicas que nos acometeram estejam a destruir sorrateiramente a noção de esforço e de compromisso, essencial para a convivência social. A fugacidade dos tempos atuais às vezes nos distrai quanto a tais questões, imprescindíveis. Já disse Millôr Fernandes que se um homem do

início do século recebesse durante um ano as informações que obtemos num dia apenas, estaria apavorado. Nós ficamos só indiferentes, conclui. De fato, a quantidade de dados, escolhas, opções, tarefas e obrigações com que temos de lidar diariamente (melhor seria, “minutamente”, se me permittem) é impressionantemente estarrecedora, não nos dando tempo nem de assimilá-la, quanto mais de elaborá-la a contento. “É preciso estar atento e forte”, disse Caetano.

É certo que somente uma educação de boa qualidade é o instrumento de atenção e força com que contamos para os dois dias que correm. Somente a educação faz o cidadão; a pessoa que colhe, analisa e opta para ser o senhor de seu destino.

Atualmente existem cerca de 70 mil profissões catalogadas no mundo. Menos de cem podem ser exercidas por analfabetos. Nem se fale nas que são exclusivas de políglotas, ou ainda melhor dizendo, de técnicos ambivalentes.

Os diagnósticos já foram todos feitos no Brasil. Sabemos de nossas carências e deficiências em todo os campos. Mas também de nossas potencialidades (aliás, desde sempre, não estivéssemos “deitados eternamente em berço esplêndido”). Falta só organizar e para tanto é preciso vontade política. O ministro da Educação e Desporto, Maurílio Hingel, tem demonstrado que agora o MEC é parceiro de suas instituições. E várias medidas foram tomadas nessa direção, como o aumento discriminado para o professorado da rede federal de ensino. Resta, portanto, mostrar o que o Brasil faz e é capaz de fazer.

■ Geraldo Lúcio de Mello é assessor de Comunicação Social do Ministério da Educação e Desporto

CORREIO DA MANHÃ

2 MAR 1993